



ALCÂNTARA, Cíntia da Costa. **Derivações em -inho e o caso da soante palatal /ɲ/**. *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Número especial 2013. [<http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br>]

DERIVAÇÕES EM -INHO E O CASO DA SOANTE PALATAL /ɲ/

Cíntia da Costa Alcântara^{38*}

RESUMO

Neste trabalho, analisamos o estatuto da soante palatal em formações com o sufixo diminutivo -inho. É à luz da proposta de Wetzels (1997; 2000) que interpretamos a manutenção da nasalização vocálica no vocábulo derivado (p. ex., u[ĩ]nha, para o diminutivo ‘unha’), o qual não mais carrega a nasal palatal da base. Empregamos a ferramenta PRAAT, versão 5.3.48 (BOERSMA e WEENINCK, 2013), a fim de trazer aporte empírico para a hipótese de que o falante nativo do PB não costuma confundir realizações como [bẽĩɲɐ], para o diminutivo de ‘banha’, e ‘bainha’ ([baĩɲɐ]), em razão de haver pistas acústicas da soante nasal palatal, ausente da forma derivada com sufixo -inho sobre a vogal núcleo que permanece no vocábulo derivado. Acrescente-se que tais resultados permitem corroborar o modelo da fonologia autosegmental, proposto por Clements e Hume (1995).

PALAVRAS-CHAVE: Fonética acústica; Fonologia autosegmental; Morfologia; Vocábulo não-verbal.

ABSTRACT

In this paper, we analyze the status of the nasal palatal /ɲ/ in morphological constructions with the diminutive suffix -inho. It is in light of the proposed Wetzels (1997, 2000) we interpret the maintenance of nasalization vowel in the word derived (‘u[ĩ]nha’, to the diminutive ‘unha’, “nail”), which no longer carries the palatal nasal the base, in light of Wetzels (1997, 2000). We employ the PRAAT, version 3.5.48 (BOERSMA & WEENINCK, 2013), in order to bring empirical evidences to the hypothesis that the native speaker of the PB does not usually confuse pronunciations as [bẽĩɲɐ], to the diminutive of ‘banha’, “lard”, and [baĩɲɐ] (‘bainha’, “sheath”), because there acoustic cues in the palatal nasal absent from derivative form with suffix -inho over the vocalic nucleus that remains in the derived word. These results allow us to corroborate the model of autosegmental phonology proposed by Clements and Hume (1995).

KEYWORDS: Phonetics; Autosegmental Phonology; Morphology; Non verbal word.

38. Doutora em Letras, Professora da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: cintiaca@terra.com.br

Introdução

No português, encontram-se em onset silábico as soantes palatais /ɲ/ e /λ/, ambas localizadas majoritariamente em posição medial no vocábulo; aquela constitui uma classe natural junto de /m/ e /n/, e esta, outra classe natural, ao lado de /l/. Nas línguas românicas, aliás, tais consoantes tendem a ocorrer em contexto mais restrito que as demais consoantes presentes nesses sistemas.

Para só nos atermos à nasal palatal, ilustramos seu comportamento em algumas dessas línguas, iniciando pelo português, sobre o qual versa o presente estudo. Segundo Câmara Jr. (1977, p.76-7) historicamente /λ/ e /ɲ/ emergiram no sistema do português pela combinação da consoante “dura” ou não palatalizada correspondente com um [j]. O autor afirma ainda que o fenômeno de palatalização de /n/ e /l/ deu-se exclusivamente em posição intervocálica. A consoante nasal palatal (*nh* ortográfico) ocorre majoritariamente em posição medial (cf. ma[ɲ]a; so[ɲ]o), em raros casos surge em posição inicial, na qual, entretanto, tende a ser precedida de uma vogal epentética.

Em francês, tal consoante tende a ocorrer em posição intervocálica e em final de palavra (e.g., *mignon* mi[ɲ]on; *digne* di[ɲ]), em início de palavra, entretanto, pouquíssimos são os casos em que marca presença (e.g., *gnole* [ɲ]ole). Tranel (1987, p. 125-127) relata que falantes do inglês como língua materna em situação de aprendizagem do francês como língua segunda, ao entrarem em contato com [ɲ], têm a tendência a produzi-lo como [nj], a exemplo de [peɲõ] *peignons*, do verbo *peindre* ‘pintar’, produzido como [penjõ], *peinions* do verbo *peiner* ‘penar’. Para Calabrese (2005), tal comportamento ([ɲ] -> [nj]) é atestado em diferentes sistemas, o que seria uma evidência da maior complexidade da nasal palatal em contraposição à coronal. Isso parece significar que a unidade sonora que exige a simultaneidade de movimentos articulatorios complexos para os falantes de um dado sistema, no qual tal complexidade não é permitida, tem sua complexidade ‘diminuída’ no sentido de tornar sequencializado o que, na língua alvo, é simultâneo. Igualmente, é interessante observar que as crianças em fase de aquisição da linguagem empregam diferentes variantes para as palatais lateral e nasal (MATZENAUER, 1999), até o momento em que o sistema é plenamente estabelecido.

Após essa breve exposição, passa-se à descrição e à análise do fenômeno de manutenção da nasalização vocálica no vocábulo derivado, sob a visão de Wetzels (1997; 2000). Deve-se ressaltar que as formas derivadas em *-inho* não mais carregam a nasal palatal da base. Na tentativa de elucidar tal fenômeno, emprega-se a ferramenta PRAAT, versão 5.3.48 (BOERSMA e WEENINCK, 2013), a fim de trazer aporte empírico para a hipótese de que o falante nativo do PB não costuma confundir realizações tais que [bẽ̃ɲɐ] < [bẽ̃ɲɐ] e ‘bainha’ [baĩɲɐ], já mencionadas, em razão de haver pistas acústicas da soante nasal palatal, ausente da forma derivada com sufixo *-inho*, sobre a vogal núcleo que permanece no vocábulo derivado. Acrescente-se que tais resultados permitiriam corroborar o modelo da fonologia autossegmental, proposto por Clements & Hume (1995). Outrossim, referentemente ao tra-

balho ora proposto, cujos dados foram coletados junto a falantes nativos do português –, vale ressaltar que ainda que esteja em sua fase inicial, permite apontar para a relevância de uma análise de cunho experimental, dado que hipóteses teóricas podem ser confirmadas ou, ainda, infirmadas, reavivando ainda mais as discussões em torno das relações entre fonética e fonologia.

A análise

No português, vocábulos não verbais cuja última sílaba é constituída do segmento consonantal /ɲ/ seguido de uma vogal átona (padrão CV), quando da anexação do sufixo derivacional *-inho* – também portador da mencionada nasal palatal – podem apresentar variação nas formas derivadas, a exemplo de *aranha* /araɲa/: [a'rẽɲɐ]³⁹ → [a'rẽɲɐ'zĩɲɐ] ~ [arẽ'ĩɲɐ]). Na variante *standard*, [a'rẽɲɐ'zĩɲɐ], são mantidos os segmentos da mencionada sílaba CV, diferentemente do que ocorre na *substandard*, [arẽ'ĩɲɐ], em que o onset da sílaba CV desaparece, resultando assim uma sílaba V. É nessa variante que se apresentam vocábulos derivados como [arẽ'ĩɲɐ]. Formas como essa, ainda que não mais carreguem a soante palatal em posição subsequente à vogal heterossilábica que por esta foi nasalizada na forma base, continua a apresentar a nasalização sobre a referida vogal na forma derivada.

Em (1a-b), apresentam-se alguns exemplos de vocábulos derivados, produzidos por falantes nativos do português brasileiro, em contexto de fala não monitorada (01a) e as respectivas formas da variante *standard* (01b).

(01)

	a)	b)
ba/ɲ/a	-> ba[ĩ]nha	~ banhazinha
casta/ɲ/a	-> casta[ĩ]nha	~ castanhazinha
cego/ɲ/a	-> cego[ĩ]nha	~ cegonhazinha
dese/ɲ/o	-> dese[ĩ]nho	~ desenhazinho
le/ɲ/a	-> le[ĩ]nha	~ lenhazinha
espi/ɲ/a	-> espi[ĩ]nha	~ espinhazinha
medo/ɲ/o	-> medo[ĩ]nho	~ medonhazinho
pamo/ɲ/a	-> pamo[ĩ]nha	~ pamonhazinha
reba/ɲ/o	-> reba[ĩ]nho	~ rebanhazinho
so/ɲ/o	-> so[ĩ]nho	~ sonhazinho
u/ɲ/a	-> u[ĩ]nha	~ unhazinha

39. Faz-se uma transcrição fonética ampla neste trabalho.

Observa-se, em (01a), que os vocábulos com o sufixo derivacional *-inho* – típicos do português coloquial –, não carregam a consoante última da base – a nasal palatal, conforme anteriormente referido. Tal presença, aliás, é rejeitada pela língua, uma vez que desse contexto emergem segmentos adjacentes iguais (e.g. *reba[ɲ]i[ɲ]o), ferindo, assim, o Princípio do Contorno Obrigatório (OCP, do inglês *Obligatory Contour Principle*), que proíbe elementos adjacentes idênticos. Desta feita, o sistema opta por anexar a variante *-zinho* aos vocábulos, em (01b), os quais têm preservada integralmente a base a que se anexam, haja vista *reba[ɲ]ozinho*. Segundo Bisol (2010), essa é uma razão estrutural que estaria guiando tal escolha – a inalterabilidade da base a que o diminutivo se reuniu.

Poder-se-ia supor, no entanto, que na derivação aparecesse a nasal coronal na base (cf. [ɲ] > [n]), à qual se adjungiria então o sufixo *-inho*, tal como se dá com a lateral palatal, que em vocábulo derivado cede seu lugar à lateral coronal (cf. pa[λ]a -> pa[l]inha). Todavia, esse comportamento é uma exceção, dado ser atestado em um único caso – *tamaninho*, como se pode observar em (02) a seguir.

- (02) tamanho -> tama[ĩ]nho (tamanhozinho ~ tama[n]inho)
 cegonha -> cego[ĩ]nha (cegonhazinha; *cegoninha (?))
 manha -> ma[ĩ]nha (manhazinha; *maninha (?))
 senha -> se[ĩ]nha (senhazinha; *seninha (?))

Note-se que se em tama[n]inho, tal tama[ɲ]ozinho, é conservada a sílaba CV, cujo onset é uma nasal – [n] ou [ɲ] –, a mesma estrutura não é mantida nos demais casos entre parênteses, pelo fato de outras formas em *-inho* antecedido da nasal coronal não serem aceitas na língua, como ilustrado em (02), resultando, assim, as formas com um padrão silábico V (cf. tama[ĩ]nho). Enfim, verifica-se que os falantes têm duas opções, porém o interessante é que os mesmos falantes nativos do PB que na fala coloquial optam pela variante em *-inho* (cf. ba[ɲ]a -> ba[ĩ]nha) e em outros contextos a variante *-zinho* (cf. ba[ɲ]a -> ba[ɲ]azinha), jamais empregarão formas do tipo *ba[n]inha, ou seja, em que haja a nasal coronal na base (cf. ba[ɲ]a -> *ba[n]inha). Poder-se-ia prever tal comportamento (cf. ba[ɲ]a -> *ba[n]inha, mas ba[ĩ]nha), traçando-se um paralelo com o caso da lateral palatal e da lateral coronal nos mesmos contextos (palha -> pa[l]inha; filho -> filial (fi[l]ial). Na literatura, encontram-se evidências da opção em *-inho* no estilo coloquial (cf. CAGLIARI, 1977, p. 28; 1981, p. 88; *ap.* WETZELS, 1997, p.221).

Consideremos, assim, os seguintes pontos: (i) a nasal palatal, responsável por recobrir de nasalização em 100% dos casos a vogal que se lhe antecede (ABAURRE & PAGOTTO, 1996), desaparece na derivação em *-inho*; contudo (ii) a vogal que, na forma base, é heterossilábica à nasal palatal, e por esta é nasalizada, não perde tal informação nas formas derivadas (cf. /baɲ /_{vt} - [ˈbɛ̃ɲɐ] → [bɛ̃ˈɲɐ], derivado de ‘banha’); e (iii) o glide coronal [j] é uma das variantes da nasal palatal (cf. WETZELS, 1997;

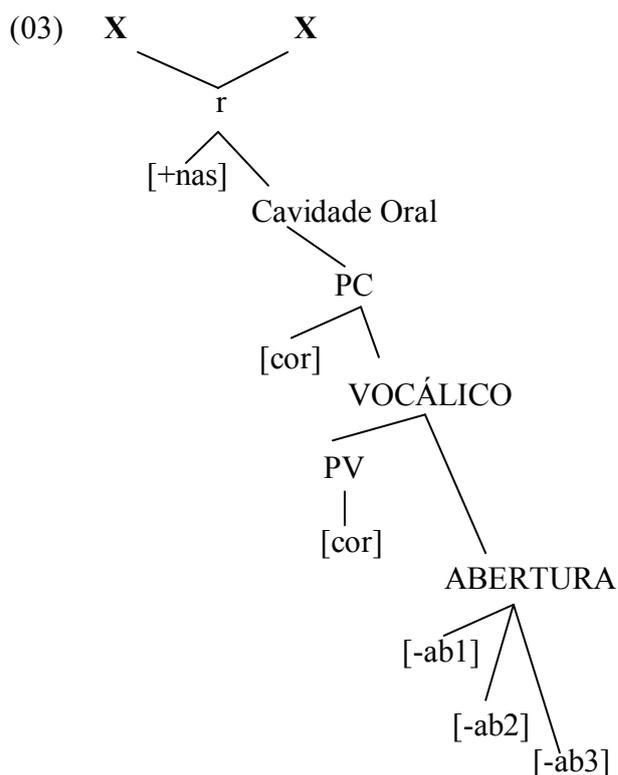
MATZENAUER, 1999). Feitas essas considerações, defende-se a ideia de que, apesar de a nasal palatal não aparecer na forma derivada, há como recuperá-la; uma evidência para tal seria a de o falante nativo do PB jamais confundir realizações tais que a forma derivada [bẽ'ĩɲɐ] < ['bẽɲɐ] e a forma não derivada 'bainha' [ba'ĩɲɐ]. Eis o que se pretende mostrar sob a abordagem autosegmental (CLEMENTS & HUME, 1995; WETZELS, 1997; 2000), na seção a seguir.

Refere-se ainda que o processo de nasalização alvo deste estudo é de cunho variável. Fazemos nossas as palavras de Wetzels (2000, p.8): a “nasalização alofônica resulta da aplicação de uma regra variável, sensível tanto à variação linguística quanto à não linguística” (MORAES & WETZELS, 1992; ABAURRE & PAGOTTO, *op. cit.*). Nesta análise inicial, ocupamo-nos tão somente de aspectos linguísticos; logo, fatores não linguísticos que pudessem estar atuando no fenômeno de nasalização não foram investigados, o que fica como tema para outro trabalho.

Passemos a apresentar brevemente a visão autosegmental de Clements & Hume (1995), os quais assumem haver três tipos de segmentos – simples, complexos e de contorno. Os segmentos simples carregam um só nó de raiz e têm somente um só traço de articulação oral, a exemplo do segmento coronal [n]; os segmentos complexos, também caracterizados por um só nó de raiz, têm minimamente dois traços de articulação oral, o que representa duas ou mais constrictões simultâneas na cavidade oral, tal como o segmento palatal [ɲ]; os segmentos de contorno, por sua vez, apresentam dois nós de raiz, sob uma só unidade temporal – [tʃ] constitui um segmento de contorno porque carrega sequências de diferentes traços, o que o define é o seu contorno. Interessa a este trabalho especialmente o segmento complexo nasal palatal⁴⁰. Para além da informação de estrutura melódica que caracteriza esse segmento como complexo, há da mesma forma uma informação de estrutura prosódica que o identifica como um segmento fonologicamente geminado, ou seja, com duas posições no *slot* temporal, ligadas a um só nó de raiz (WETZELS, 1997; 2000). Em (03) ilustra-se a representação da nasal palatal /ɲ/⁴¹.

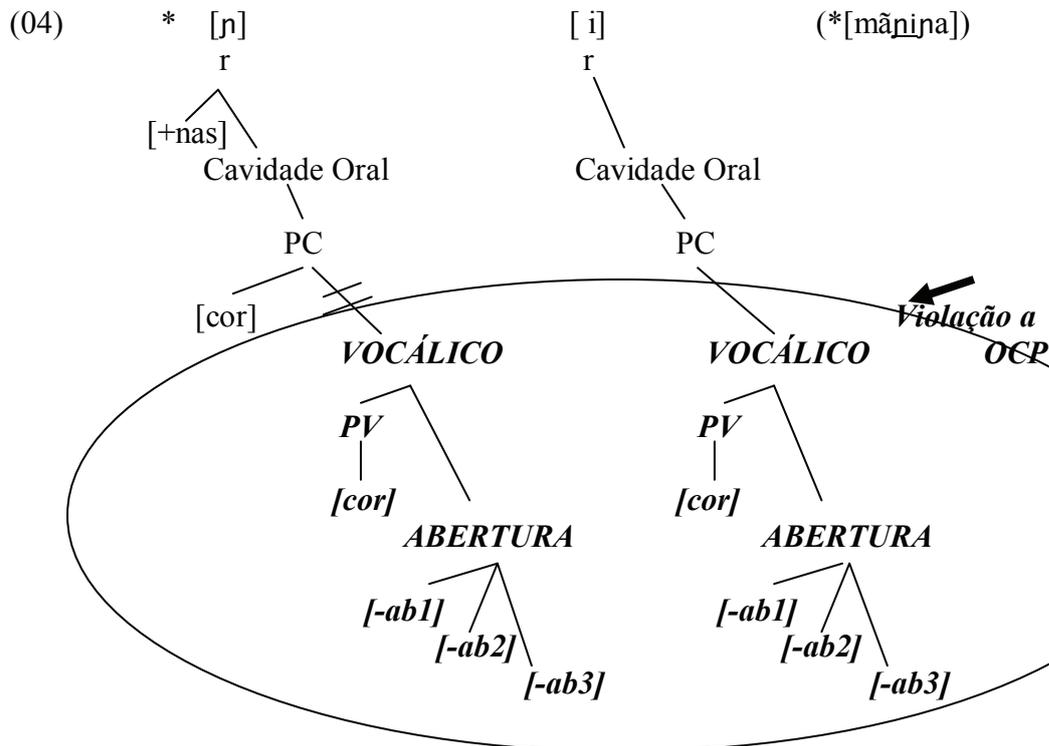
40. Lembremo-nos de que o presente trabalho versa sobre a nasal palatal, por isso não fazemos alusão à formalização da lateral palatal; na verdade, a única diferença na formalização de ambas é que a nasal palatal carrega o traço nasal conectado à raiz do segmento.

41. A formalização da nasal palatal limita-se à apresentação dos traços indispensáveis para a análise.



Como se pode observar no diagrama arbóreo em (03), a nasal palatal é uma consoante geminada por carregar duas unidades temporais ligadas à raiz. Igualmente, é um segmento complexo por apresentar duas articulações no trato oral – uma articulação maior (ou primária) e uma articulação menor (ou secundária). A articulação primária concerne à caracterização do traço de consoante, sob o nó Ponto de Consoante (PC); a articulação secundária diz respeito à informação vocálica que se caracteriza sob os nós Ponto de Vogal (PV) e Abertura, subordinados ao nó Vocálico. Para Wetzels (1997, p. 220-221), a hipótese de as soantes palatais serem geminadas permite explicar fatos tais que (i) o porquê de a nasalização localizar-se obrigatoriamente antes de /ɲ/; (ii) o motivo por que a presença das soantes palatais no onset de uma sílaba no final de palavra é incompatível com o acento proparoxítono, que não aceita uma sílaba pesada pré-final (cf. *[‘dezeɲu], para ‘desenho’; *[‘katarsi], para ‘catarse’); e (iii) a razão por que as soantes palatais são proibidas em início de palavra. Além disso, oferece uma explanação simples para o fato de a consoante palatal nunca poder ser precedida por uma rima ramificada, a saber, a sua primeira parte ocupar a segunda posição desta rima, a qual já está então maximamente preenchida.

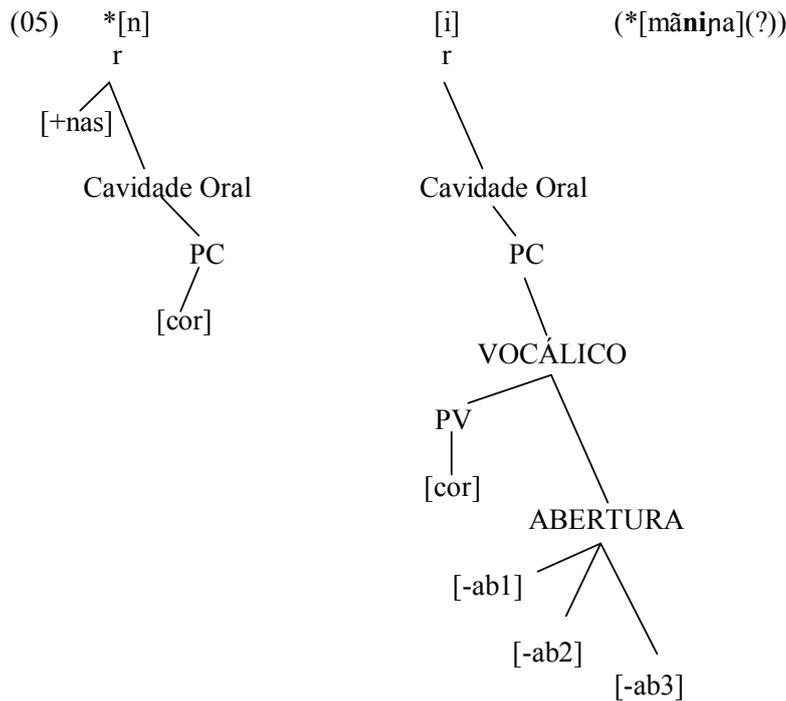
Quanto ao surgimento da nasal coronal, que adviria do desligamento da articulação secundária de /ɲ/, levantou-se a hipótese de tal ‘simplificação’ ocorrer, tal como se dá com a lateral nasal e a lateral coronal nos vocábulos derivados em *-inho*. Observe-se, em (04), a formalização do mecanismo de desligamento do nó Vocálico, do qual resultaria a nasal coronal, em (05) (cf. *ma[n]inha (?), na sequência).



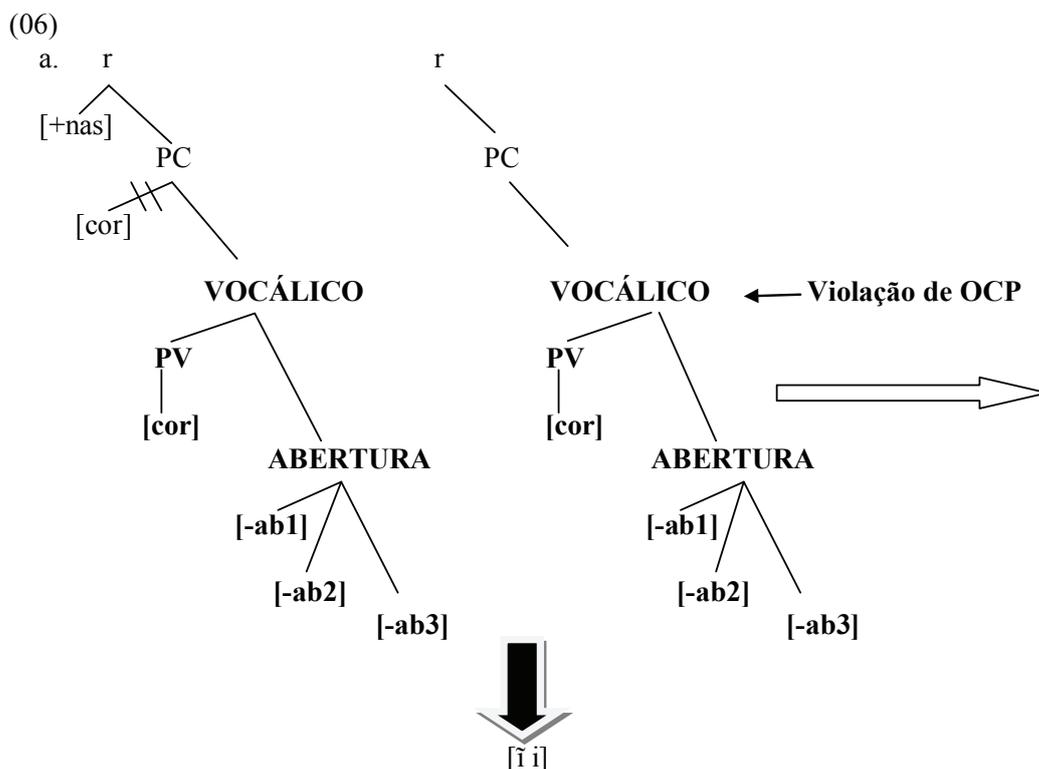
Em (04), a forma *ma[ɲi]nha* apresenta dois segmentos adjacentes idênticos, conforme referido anteriormente, o que fere o Princípio do Contorno Obrigatório (OCP) – princípio da teoria autosssegmental que proíbe elementos idênticos em contexto adjacente⁴², daí decorrendo uma forma agramatical, convencionalmente marcada por um asterisco (**ma[ɲi]nha*). Ambas as violações de OCP se dão sob o nó Vocálico da consoante complexa, tanto do ponto de vogal (PV) quanto do nó de Abertura, o que é resolvido pelo desligamento do nó Vocálico do segmento complexo, ou seja, da articulação secundária que concerne a traços de vogais, de que resulta a sequência [ni], a nasal coronal seguida da vogal [i], na forma **ma[n]inha*⁴³, em (05), o qual seria possível, haja vista o português aceitar *tama[ni]nho*.

42. Inicialmente OCP foi postulado para dar conta de informação tonal (LEBEN, 1973) e posteriormente expandido para informação segmental (cf. McCARTHY, 1986).

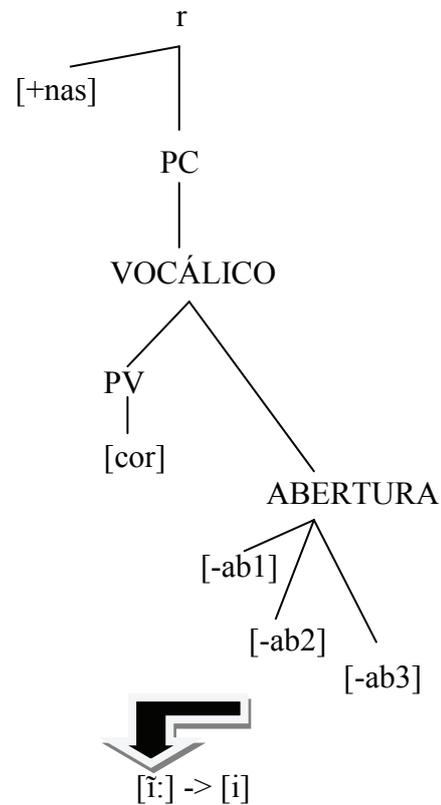
43. Poder-se-ia cogitar o caráter de agramaticalidade da forma **ma[n]inha* para *manha*, pelo fato de o português abrigar um outro item lexical representado por tal sequência – o diminutivo de *mana*, porém não para *manha*. Contudo, isso não é relevante para o presente trabalho, pois o que se quer discutir é justamente o que estaria por trás da forma *ma[ɲi]nha*, em termos estruturais, posto que tal forma é reconhecida pelos falantes do PB como uma das variantes para o vocábulo *manha* em situação de fala informal, ao lado de *manhazinha* em contexto formal. Poder-se-ia mesmo apontar para um contexto de distribuição complementar, cuja motivação, para além de linguística, ser também não linguística, porém não é esse o objetivo a que se propõe este estudo.



Contudo, essa não é a realidade que se verifica nos dados levantados, nos quais inexistem estruturas desse tipo, salvo o exemplo ‘tamaninho’. Os falantes do PB não produzem, seja na fala informal, seja na formal, algo como (05), para o vocábulo derivado de ‘manha’, e sim ‘ma[i]nha’, em (06a-b) apresentado a seguir.



b.



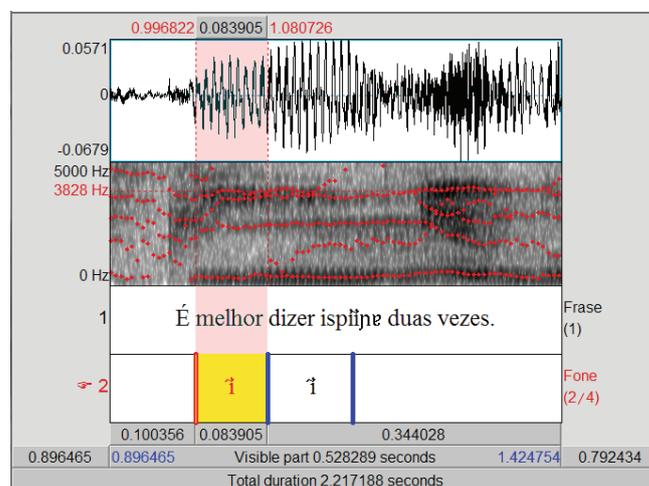
À esquerda, em (06a), tem-se o desligamento do traço de articulação maior – [cor] – que caracteriza a consoante, restando apenas aquele da articulação menor, vocálica, com os traços que caracterizam a vogal [i] – aqui representado o glide coronal [j] – variante da nasal palatal. Vale ressaltar que, de acordo com Wetzels (1997, p. 221), citando Cagliari (1977, p. 28; 1981, p.88), essa é uma motivação independente para que a nasal palatal tenha uma articulação secundária, o fato de no estilo coloquial a constrição primária da consoante palatal poder ser completamente perdida. Assim, formas sem a constrição consonantal podem ser derivadas de maneira simples, a partir da desassociação do traço coronal do nó ponto de consoante, em (06a) ilustrado. Nessa mesma figura, à direita, tem-se a representação da vogal inicial do sufixo de diminutivo *-inho*; uma vez que ambos os segmentos são adjacentes e idênticos, OCP é violado. Tal violação é então reparada pelo processo de fusão dos nós adjacentes idênticos, de que resulta uma vogal longa, em (6b), a qual posteriormente poderá sofrer um processo de encurtamento, dado que no português não há vogais longas (cf. [ĩ:] -> [i]). Por conseguinte, a vogal nasalizada [ĩ] seria resultado da fusão dos dois segmentos idênticos e posterior encurtamento. Ter-se-ia assim uma perda segmental – a nasalização sobre o [i] resultante, como, por exemplo, em ma[i]nha, adviria de *-inho*, cuja nasal palatal necessariamente nasaliza a vogal que se lhe precede.

Segundo Abaurre & Pagotto (*op. cit.*, p. 493), aliás, o gatilho da nasalização, sob o enfoque da teoria autosssegmental, consiste na presença de uma consoante nasal intervocálica a partir da qual o traço nasal se espalha para o segmento vocálico heterossilábico da sílaba precedente. Eis o que observamos relativamente ao sufixo de diminutivo. Estaríamos assim diante de um caso de nasalidade vocálica por assimilação, de acordo com esses autores. Entretanto, falta-nos explicar a manutenção da nasalização de que a vogal da base se reveste (cf. [bẽ'ĩɲɐ], diminutivo de 'banha'), uma vez que a nasal palatal, desencadeadora do processo, não mais se faz presente na forma diminutiva.

O fato é que se se assumir que toda a informação da nasal palatal é perdida nas formas derivadas em *-inho*, não há como explicar a presença da nasalidade sobre a vogal que, na forma base, precedia a consoante nasal palatal. Vale lembrar que falantes nativos do PB que produzam o diminutivo de 'banha' como a variante [bẽ'ĩɲɐ] não irão confundi-la com o vocábulo não derivado 'banha' [ba'ĩɲɐ]. Outrossim, diferentes formas há que atestam haver uma informação da nasal palatal da forma base na forma derivada, ainda que tal consoante não mais se faça presente, haja vista o diminutivo de 'peçonha' – [pesõ'ĩɲɐ], o qual, ao que parece, não seria confundido com a variante coloquial de 'pessoa', no diminutivo – [peso'ĩɲɐ]. Esses casos seriam, pois, indícios de que a nasalidade assimilada pela vogal que antecede *-inho* não resulta da anexação desse sufixo à base, mas é uma informação que a base já carrega.

Ilustra-se, a seguir, em (07), um dado coletado e analisado sob o PRAAT (BOERSMA & WEENINCK, *op. cit.*) que permitiria vislumbrar a manutenção da nasalização vocálica no vocábulo derivado, o qual não mais carrega a nasal palatal da base, trazendo, assim, aporte empírico para a proposta teórica de Wetzels (1997; 2000). É necessário referir que o *corpus*, obtido por meio de gravação com equipamento digital, constitui-se de dados de fala controlada – leitura de 26 frases-veículo – e de fala espontânea de três informantes adultos, dois do sexo masculino e um do sexo feminino, falantes nativos do PB, com grau de escolaridade superior. Em (07), tem-se a frase-veículo “é melhor dizer **espi[ĩ]nha** duas vezes”, produzida por um informante do sexo masculino.

(07)



É possível observar-se que o primeiro “i”, marcado em amarelo, o qual faria parte do radical, precedendo assim a nasal, não é um elemento oral, nem nasal, mas com um grau de nasalização, o qual, não obstante, não é o mesmo da vogal “i” que faz parte do sufixo *-inho*. No entanto, ainda que ambos tenham graus de nasalização diferentes, não podem sofrer fusão, como os dados apontam não ocorrer. Note-se que falantes nativos do português jamais produziriam *esp[i]nha* por *espi[ĩ]nha*, ou seja, há informação não só de cunho fonológico, mas também morfológico que inviabiliza formas como essas. No que respeita à fonética acústica, arriscaríamos referir que é a informação fonológica da nasal palatal, a parte da geminada que não é apagada no vocábulo derivado, que estaria impedindo que se desse uma fusão entre os elementos vocálicos representados em (07), os dois “is”. Da mesma forma, há pistas, não necessariamente acústicas, conforme já salientamos, que apontam para a relevância de informação morfológica – intra e/ou intermorfológica – sobre as escolhas que o falante faz no que se refere à gramática da língua. Contudo, deixamos esse último tópico para ser desenvolvido em trabalho futuro.

Considerações finais

Este estudo inicial pretendeu descrever e analisar, sob o enfoque da teoria autosegmental, o comportamento dos vocábulos derivados em *-inho* e as respectivas formas base em que se manifesta a nasal palatal. Verificou-se que, a despeito de a nasal palatal não ocorrer nos vocábulos derivados – os quais passam a apresentar uma sílaba V antes CV (cf. [a'rẽɲɐ] → [arẽ'ĩɲɐ]) –, a nasalização da vogal que precedia esse segmento consonântico, na forma base, continua a vigorar na forma derivada (cf. ['mẽɲɐ] → ['mẽ'ĩɲɐ]), ainda que o onset permaneça vazio. Por conseguinte, acredita-se que, se a nasal palatal do radical, ou forma base, pode ser interpretada como um segmento geminado – cuja nasalidade faria parte da rima da sílaba precedente –, consegue-se entender o porquê de o vocábulo derivado carregar nasalizada a vogal que lá precedia a consoante nasal. O traço nasal seria então uma informação que permitiria resgatar, a qualquer tempo, esse segmento distintivo do português com singular comportamento comparativamente às demais consoantes nasais.

O trabalho ora apresentado, uma incursão inicial nos domínios da fonética acústica, com o auxílio do PRAAT 5.3 (BOERSMA e WEENINCK, 2013), deu-se na tentativa de elucidar o fenômeno de manutenção da nasalização vocálica em vocábulos derivados que não mais carregam a nasal palatal na base. Os resultados encontrados permitem, pois, trazer evidências para a proposta teórica de Wetzels (1997; 2000), relativamente à consoante nasal geminada.

Referências

- ABAURRE, M. B.; PAGOTTO, E. G. Nasalização no português do Brasil. In: *Gramática do português falado VI*. KOCH, I.V. (ed.) Campinas, Editora da UNICAMP, 1996, p. 491-515.
- BISOL, L. O diminutivo e suas demandas. *D.E.L.T.A.*, 26:1, p. 59-85, 2010.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. *PRAAT: doing phonetics by computer* (Versão 5.3.48) (Software livre e gratuito). Acesso em 08/05/2013; disponível em <http://www.praat.org>.
- CALABRESE, A. *Markedness and economy in a derivational model of phonology*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005.
- CLEMENTS, G. N.; HUME, E. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. (ed.) *The handbook of phonological theory*. Cambridge: Blackwell Publishers, 1995, p. 245-306.
- CÂMARA Jr., J. M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora, 1977.
- CÂMARA Jr., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora, 1976.
- LEBEN, W. *Suprasegmental phonology*. Ph Dissertation. Massachusetts Institute of Technology, 1973.
- MATZENAUER, C. L. B. Aquisição da fonologia e implicações teóricas: um estudo sobre as soantes palatais. In: LAMPRECHT, R. R. (org.) *Aquisição da linguagem: questões e análises*. Porto Alegre: EDI-PUCRS, 1999, p. 81-94.
- MCCARTHY, J. OCP effects: gemination and antigemination. *Linguistic Inquiry*, n. 17, p. 207-263, 1986.
- MORAES, J.; WETZELS, W. L. Sobre a duração dos segmentos nasais e nasalizados em Português: um exercício de fonologia experimental. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 2, UNICAMP, 23, p. 153-166, 1992.
- TRANSEL, B. *The sounds of French: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- WETZELS, W. L. Consoantes palatais como geminadas fonológicas no Português Brasileiro. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, jul./dez., p. 5-15, 2000.
- WETZELS, W. L. The lexical representation of nasality in Brazilian Portuguese. *Probus*, n. 9, p. 203-232, 1997.